

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PET - FILOSOFIA

Aluno: Lucas Axt

Data: 17/06/2015

Fichamento do capítulo 12 do livro *Mimesis*

No capítulo 12 do livro *Mimesis*, intitulado *L'Humaine Condition*, Auerbach dedica-se a analisar algumas passagens dos *Ensaio*s de Montaigne, sobretudo as que revelam o seu método e sua relação com o principal objeto de seus ensaios, a saber, o próprio Montaigne, e ao mesmo tempo, a “condição humana” que dá nome ao capítulo. O principal trecho a ser analisado por Auerbach encontra-se no começo do Cap. 2 do livro III dos *Ensaio*s, e constitui-se de dois parágrafos: o primeiro trata de apresentar o estado de perpétua mudança desse objeto e como isso torna a sua investigação algo completamente novo. Enquanto “*os outros formam o homem*” diz Montaigne, “*eu relato a seu respeito e represento um em particular*” (Auerbach, 2013, p. 250). Isto porque o homem não é um objeto que possa ser fixado, “*ele vai, confuso e titubeante, com uma ebriedade natural*” (p. 250). Fazendo parte desse mundo de “*perene vacilação*”, a própria descrição feita por Montaigne não pode ser fixada: “*É um relatório de acidentes diversos e mutáveis, de imagens indefinidas e, às vezes, contrárias, quer porque eu mesmo não seja sempre o mesmo, quer porque apreenda os objetos em outras circunstâncias ou sob outras considerações (...)*” (p. 251). O segundo parágrafo tira daí uma conclusão que, como veremos, será muito importante para Auerbach. O fato de que esse estado de inconstância é inerente a todos os homens confere uma certa igualdade à todos eles: “*Descrevo uma vida baixa e sem brilho: dá na mesma; é possível achar toda a filosofia moral numa vida popular e privada tanto quanto numa vida feita de matéria mais rica: cada homem leva em si a forma inteira da humana condição.*”(p. 251). Por fim, Montaigne sustenta que a sua investigação é a que mais se aproxima de seu objetivo, é a mais bem sucedida em comparação às outras, porque é a única em que o investigador e o objeto da investigação coincidem.

Auerbach procura mostrar a riqueza do trecho escolhido isolando e desenvolvendo todos os argumentos e articulações lógicas que, no próprio texto, aparecem muitas vezes “num

único movimento rítmico”, sem conjunções, parênteses sintáticos ou qualquer ligação que não se dê apenas pelo “laço espiritual” formado pela unidade de sentido e o ritmo da frase. Assim, Auerbach formaliza o primeiro parágrafo na forma de um silogismo: *“descrevo a mim mesmo; sou um ser que muda constantemente; logo, também a descrição deve adaptar-se a isto e mudar constantemente.”* (p. 252). Auerbach observa que a primeira premissa (“não descrevo a mim mesmo”) não aparece explicitamente, mas através de um contraste com os outros homens: enquanto os outros formam, Montaigne relata; enquanto os outros pretendem formar “o homem”, Montaigne só pode retratar “um homem” já formado, ele mesmo, e que, se pudesse, ele formaria de modo diferente. A premissa menor também não é exposta imediatamente, mas aparece como conclusão de um silogismo subordinado: tudo no mundo modifica-se constantemente, eu faço parte do mundo; logo, me modifico constantemente. A modificação pela qual passam todas as coisas no mundo é interna e externa à elas, *“cada coisa experimenta a modificação geral e, ainda, a sua modificação própria”* (p. 253). Esse contraste parece se refletir também no *“jogo entre eu e eu”*, entre Montaigne escritor e Montaigne objeto, campo mais próprio do autor, segundo Auerbach, que destaca as *“locuções carregadas de sentido e musicalidade, referindo-se ora a um ora ao outro”* (p. 253).

A reconstrução desse parágrafo por meio de silogismos se justifica, segundo Auerbach, como forma de tornar mais evidente a construção lógica e rigorosa dos argumentos de Montaigne, construção que não aparece explicitamente, está escondida entre os muitos movimentos completivos, distributivos, aprofundantes, que fazem com que o seu pensamento se apresente em sua *“eficácia prática”*. *“O leitor tem de colaborar; é arrastado para dentro da movimentação do pensamento, mas a todo instante espera-se dele que se surpreenda, investigue e complete”* (p. 253). A peculiaridade do estilo de Montaigne continua a ser salientada: *“Embora o conteúdo do texto seja lógico quanto a formulação dos pensamentos (...) a vivacidade da vontade de expressão é tão forte que o estilo quebra a moldura de um tratado teórico”* (p. 253). Já aqui Auerbach parece indicar o que será matéria de maior aprofundamento no final do capítulo, o fato de Montaigne escrever um texto teórico que busca fugir da teoria, esta entendida como atributo de especialistas. O estilo de Montaigne lembra mais algo que encontraríamos numa conversação do que num escrito de conteúdo teórico, *“Mas Montaigne, que está sozinho consigo mesmo, encontra no seu pensamento bastante vida e, por assim dizer, calor corpóreo suficiente para escrever como se estivesse falando”* (p. 254). No estilo de Montaigne convivem a *“seriedade enérgica que avança até o fundo da*

existência” com a *“ironia com segundas intenções”*, que tem entre seus motivos uma aversão à considerar o homem com tragicidade, o que não quer dizer ausência de realismo.

Auerbach identifica em Montaigne uma concepção de homem fortemente realista: o trecho onde Montaigne diz que sua representação, mesmo que em perpétua transformação, nunca erra o caminho, que pode contradizer a si, mas não a verdade, seria a apresentação desse princípio realista. Trata-se de um procedimento metódico, consciente de que seu objeto, o homem, está sujeito as mudanças do mundo, do destino e de seus movimentos internos, e que uma representação fiel desse objeto deve acompanhar essas mudanças. O mundo exterior, mostra Auerbach, aparece sempre como cenário e motivação para as mudanças pelas quais ele passa, ele é geralmente referido com o vago *“as coisas”* (p. 257). Inclusive há, segundo Auerbach, uma ignorância premeditada por Montaigne em relação às *“coisas”*, ela faz parte do seu método, pois o que importa é conhecer a si mesmo. Deve-se, para isso, iluminar seu objeto em todos os lados, descrever todas as suas mudanças. *“O resultado não é, porém, um monte de instantâneos sem referência entre si, mas é a unidade de uma pessoa, apreendida espontaneamente, composta da multiplicidade das observações. No fim, tudo vai dar realmente na unidade e na verdade”*. Ao escutar a si mesmo todo homem descobriria uma forma sua, uma forma dominante, mas esta forma sua *“não poderia ser descrita com algumas palavras precisas; é demasiado múltipla e real, para caber toda numa definição. Todavia, também para Montaigne, a verdade é uma, por mais múltipla que sejam suas aparências; talvez ele contradiga a si mesmo, mas não a verdade”* (p. 258). Ao que parece, para Auerbach, esse princípio estaria por trás e daria sentido ao trecho onde Montaigne diz que sua representação do homem não sai do caminho correto, mesmo quando muda, e que pode contradizer a si mas não a verdade: a verdade seria necessariamente constituída por essas transformações, elas seriam arbitrarias ou contraditórias de imediato mas o *“homem como um todo”* seria resultado desse processo.

Talvez esse seja um ponto de possível aproximação entre os métodos de Montaigne e o método do próprio Auerbach, apenas sugerido por Leopoldo Waizbort (num artigo cujo nome talvez já sugira essa aproximação: *“Erich Auerbach e a condição humana”*)¹. Afinal, parece plausível dizer que o objeto da investigação de Auerbach é uma condição humana em perpétua mudança, mudança que se dá tanto no âmbito histórico-social quanto no modo como os homens compreendem a si próprios, e que se concretiza formalmente na literatura de cada

¹ WAIZBORT, 2012, p. 195

época².

Mas voltemos ao texto de Auerbach. O trecho a ser esmiuçado agora é o segundo parágrafo do texto de Montaigne, que se concentra em justificar e defender esse tipo peculiar de investigação que é o seu, que tem por objeto sua própria pessoa. Novamente, Auerbach recorre à uma esquematização propositalmente “desconexa e seca” dos argumentos, que justamente por isso, mostraria mais claramente o quanto o pensamento de Montaigne é rigorosamente construído. O esquema que Auerbach faz dos assuntos levantados por Montaigne neste parágrafo poderia ser resumido assim:

- 1) A relação entre descrição de uma vida baixa e sem brilho e o todo da filosofia moral
- 2) Não descrevo um assunto exterior a mim no qual me especializo, como os outros, mas a mim mesmo, e em minha totalidade.
- 3) Contraste entre falar demais a respeito de mim e os outros, que sequer pensam em si mesmos.
- 4) Porque seria de interesse público o conhecimento de um caso individual e insignificante como o meu?
- 5) Algumas “circunstâncias atenuantes”: ninguém é tão perito e vai tão profundamente num assunto quanto eu em relação a mim mesmo.
- 6) Elogio da sinceridade como requisito necessário para se auto descrever.
- 7) Por fim, o porquê da investigação de Montaigne se mostrar mais exitosa que qualquer saber especializado, a saber, porque obra e autor seriam a mesma coisa, constituiriam um “homem inteiro”.

O assunto pelo qual se inicia esse momento do texto, a condição humana que se encontra em qualquer indivíduo, já responderia a questão do sentido e da utilidade da investigação de Montaigne. Segundo Auerbach: *“se cada homem oferece motivo e matéria suficiente para representação de toda filosofia moral, então a exata e sincera auto-investigação de qualquer homem justifica-se por si só; e é até possível dar um passo além: ela é até necessária, pois é o único caminho que, segundo Montaigne, pode ser percorrido pela ciência do homem enquanto ser moral.”* (p. 261).

Tal investigação se mostraria muito distinta das outras porque se recusaria ativamente a se especializar num ponto específico de seu objeto, ele (no caso, o homem) deve sempre ser tomado em sua totalidade, *“toda especialização falseia o quadro moral; só nos apresenta em*

² WAIZBORT, 2012, p. 178

um dos nossos papéis; deixa conscientemente no escuro amplas regiões da nossa vida e do nosso destino.” (p. 262). Esse aspecto do estilo de Montaigne é visto por Auerbach como representativo de um contexto social e econômico específico, onde as camadas sociais dominantes não se viam ainda pressionadas pelo *ethos* do trabalho especializado, pelo contrário, buscavam uma formação mais ampla e humana, influenciada por um ideal ligado à antiga civilização oligárquica.

No entanto, Montaigne não poderia ser reduzido à isso. Nenhum de seus contemporâneos alcançaram realmente esse objetivo de descrever o homem sem se apresentar como um especialista, sem se apresentar por uma “marca particular”. Eram teólogos, filólogos, médicos, poetas, etc. Em Montaigne, retratar o indivíduo em seu todo, isto é, em todas as suas mudanças, em todos os seus aspectos, é o único meio de não fazer “abstração”, e apresentar o homem (em que pese ele não usar o termo) de forma realista. *“Montaigne limita-se à exata pesquisa e descrição de um só exemplo, ele mesmo, e também durante esta pesquisa está muito longe de isolar o objeto de alguma forma, de desligá-lo das circunstâncias e condições acidentais nas quais se encontra num momento particular, para assim talvez obter o seu ser propriamente dito, durável e absoluto.* (p. 262). Como Auerbach dirá adiante, essa auto-investigação se torna princípio heurístico para a investigação da condição humana em geral, de modo que o conhecimento dos homens e da história é tão mais profundo quanto for o conhecimento de nós mesmo e a amplidão de nosso horizonte moral. Essa exigência de aprofundamento numa vida privada qualquer como via de acesso à condição humana, leva Montaigne a privilegiar a observação do *“comportamento cotidiano, comum e espontâneo dos seres humanos”* (p. 266) em detrimento da história dos historiadores, que apresentariam os homens num *“quadro fixo e unitário de caracteres”* (p. 266).

Para ter uma noção da importância do método de Montaigne para a concepção de realismo de Auerbach, principalmente no que toca a essa relação entre particular-cotidiano e universal-histórico, vale citar esse comentário de Auerbach sobre a contribuição alemã para o realismo moderno, no final do século XVIII, que soa tributário dessa concepção de Montaigne: *“finalmente, se impõe a convicção de que o importante do acontecimento não é apreensível mediante conhecimentos abstratos e gerais, e de que o material para tanto não deve ser procurado somente nas partes elevadas da sociedade e nas ações capitais ou públicas, mas também na arte, na economia, na cultura material e espiritual, nas profundezas do dia-a-dia e do povo, porque só lá pode ser apreendido o verdadeiramente peculiar, o que*

é intimamente móvel, o que tem validade universal, tanto num sentido mais concreto, quanto num sentido mais profundo” (p.395)

O próximo tema tratado por Auerbach é o da sinceridade com que Montaigne fala de si mesmo, não somente acerca de sua existência espiritual e psíquica, mas também acerca da sua existência corporal. O *Ensaaios* está repleto de descrições de costumes pessoais, sobre suas doenças, sua alimentação, e suas peculiaridades sexuais. Tal característica revela, certamente, certa vaidade consigo mesmo, mas, mais importante que isso, revela uma parte importante de seu método, que consiste na recusa a considerar corpo e espírito separadamente. Se descreve seu ser corpóreo, é porque ele é essencial à sua *forme toute sienne*. Essa decisão de não separar corpo e espírito se explica também por sua recusa aos sistemas escolásticos da filosofia moral, que falseariam a realidade ao desconsiderar o ser corpóreo do homem. Citando Montaigne, “*Essas requintadas sutilezas não são apropriadas senão para os sermões; são discursos que nos querem enviar bem arredados ao outro mundo; a vida é movimento material e corporal, ação imperfeita de sua própria essência e desregrada; empenho-me em servi-la tal qual...*” (p. 268). É importante ressaltar que Auerbach remete esse aspecto fortemente realista do estilo de Montaigne à antropologia cristã-criatural, ainda que Montaigne seja muito comedido para que suas convicções religiosas explicitem isso. Auerbach comentará mais sobre isso adiante.

O último assunto do trecho aqui analisado, conforme a divisão proposta por Auerbach, trata da concordância entre obra e autor em Montaigne, a ideia, defendida pelo próprio escritor francês, de que não há nada de Montaigne que não seja investigado nos *Ensaaios*, nem nada nos *Ensaaios* que não tenha sido tirado do próprio autor, “*Não fiz o meu livro mais do que ele me fez: livro consubstancial com seu autor, de uma ocupação própria, membro da minha vida, não de uma ocupação e fim terceiros e estranhos, como todos os outros livros*” (p. 271), diz Montaigne. Para Auerbach, cabe situar essa posição em seu contexto histórico. Segundo Auerbach, o ideal de homem cultivado em todos os sentidos, não especializado, tirado da tradição antiga pelo humanismo, não encontrara condições de realização na estrutura social do século XVI. Havia ainda manifestações de um humanismo que acreditava que a formação cultural plena exigia a posse individual de toda a ciência, de modo que a universalidade consistisse na soma de todos os conhecimentos especializados, como é visto em Rabelais por exemplo. Mas o trabalho científico que se iniciava na época tornava cada vez mais inevitável a especialização. Concomitantemente à esse processo de especialização, via-se aumentar a

importância de uma parcela da população, pertencente sobretudo à aristocracia e à burguesia urbana, que exigia uma maior participação na vida espiritual e necessitava de uma forma de conhecimento que não fosse a erudição especializada. Do desencontro entre o desenvolvimento da ciência e as necessidades “espirituais” das classes hegemônicas “*surgiu uma forma de conhecimento geral, não dirigida para fins profissionais, muito social e até com características da moda.*” (p. 272). Mesmo em círculos burgueses, prevaleciam conceitos de valor aristocrático-cavaleirescos, que apoiados pelo humanismo, consideravam as Artes e a Ciência como ócio e não como profissão. Auerbach diz ser esse cenário de desprezo pela especialização, que no fim era um desprezo pelas atividades práticas cotidianas, fundamental para o florescimento, sobretudo no século XVII, do Classicismo francês, caracterizado por sua rígida separação de estilos.

Nesse cenário, a posição de Montaigne parece, pela interpretação de Auerbach, muito especial. Seu *homme suffisant* é certamente predecessor daquele *honnête homme*, que pode ser visto nos marqueses de Molière e cujo discurso pretende falar sobre tudo sem se especializar em nada. E isto não é estranho considerando que Montaigne escrevia para o mesmo público. Mais que isso, segundo Auerbach, Montaigne criou esse público: “*Montaigne não encontrou o público dos Essais já formado e não podia imaginar que ele existisse. Ele não escreveu nem para a corte, nem para o povo; nem para os católicos, nem para os protestantes; nem para os humanistas, nem para qualquer coletividade existente. Ele escreveu para uma coletividade que não parecia existir, para os homens vivos em geral, que, como leigos, possuíam alguma formação e queriam prestar contas de sua existência; para o grupo que, posteriormente, foi nomeado público culto*”³.

Porém, Montaigne mantém-se ainda muito singular, pois sua recusa à especialização não tornara seu estilo alienado do cotidiano, abstrato, etc. Ele simplesmente não necessitava se especializar num determinado objeto para se manter próximo da realidade, a profundidade com que registrava cada mudança, cada nova impressão, conferia muita concretude à seu estilo, de modo que se poderia dizer, para Auerbach, que ele “*especializou-se em si mesmo, na vida própria qualquer como um todo*” (p. 273).

Por fim, Auerbach considera as aproximações e distanciamentos de Montaigne em relação à outras modalidades de realismo vistas anteriormente. O tom leve, irônico, cotidiano e pouco afeito ao patético e elevado, que o próprio Montaigne designa como *stile comique et*

³ AUERBACH, 1932, p. 186 apud WAIZBORT, 2007, p. 275-276

privé, tem antecedentes claros no realismo da comédia antiga. Mas dela distancia-se dado a seriedade de seu conteúdo: “*Trata-se da condition humaine, com todas as suas cargas, problemas e abismos, com toda a sua fundamental incerteza, com todas as ligações criaturais que lhe são impostas*” (p. 274) Segundo Auerbach, Montaigne sabe o quanto sua concepção de homem é tributária da concepção cristã da tardia idade média, mas é evidente também que “*o seu realismo criatural abandonou a moldura cristã no qual outrora surgira*” (p. 274) A mistura de estilos vigente em Montaigne é criatural e cristã, mas a ideologia já não é mais cristã nem medieval, tem-se uma representação concreta do cotidiano do homem comum, representação que é séria e problemática e, ao que parece, pela primeira vez emancipada do plano divino. Segundo Auerbach, Montaigne “*viu, com maior nitidez do que qualquer um de seus contemporâneos, o problema da auto-orientação do homem, a tarefa de se criar, no âmbito da existência, a habitabilidade, sem contar com pontos fixos de apoio. Com ele, a vida humana, a vida própria qualquer como um todo, torna-se problemática, no sentido moderno, pela primeira vez.*” (p. 275). O estilo irônico, calmo e profundo de Montaigne, o qual comentamos acima como próximo da comédia antiga, o impede de atingir o trágico, permanecendo assim apenas no âmbito do problemático. Porém, para Auerbach, o quadro no qual está o homem retratado por Montaigne já contém a possibilidade de exprimir tragicidade, ainda que na sua obra mesmo ela esteja ausente.

BIBLIOGRAFIA

AUERBACH, E. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental**, vários tradutores, São Paulo: Perspectiva, 2013.

WAIZBORT, L. **Erich Auerbach e a condição humana** in *O pensamento alemão no século XX - Vol. 2*, São Paulo: Cosac Naify, 2012

_____. **Passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia**, São Paulo: Cosac Naify, 2007